

# DESINFORMAÇÃO NA TERCEIRA IDADE: COMO O PÚBLICO IDOSO SE RELACIONA COM AS *FAKE NEWS* DENTRO DAS REDES SOCIAIS <sup>1</sup>

E-mail:  
brunofluce@gmail.com  
lizandra.estabel@poa.ifrs.edu.br

Bruno Luce<sup>2</sup>, Lizandra Brasil Estabel<sup>3</sup>

## RESUMO

Faz-se relevante compreender o papel das notícias falsas perante a sociedade: como são criadas, como são veiculadas nas redes sociais, seus propósitos e suas consequências. Este projeto avaliará como idosos, pessoas com 60 anos ou mais, se relacionam com as notícias falsas no ambiente das redes sociais. Objetivos: Verificar o comportamento dos idosos, na utilização das redes sociais, perante as *fake news*. Metodologia: Para realização do estudo será oferecida uma oficina de Literacia Informacional para os idosos e após será realizada a análise do comportamento dessa população diante das *fake news*.

**Palavras-chave:** *Fake News*. Redes Sociais. Desinformação. Literacia Informacional. Idosos.

## ABSTRACT

It is relevant to understand the role of fake news in society: how they are created and spread in social media, their purposes and their consequences. This project will evaluate how seniors, people with 60 years old or older, relate to fake news in the social media environment. Objectives: To verify the behavior of the elderly, using social media, in relation to fake news. Methodology: An informational literacy workshop will be offered to the elderly and afterwards, an analysis of the behavior of this population in the face of fake news will be carried out.

**Keywords:** Fake News. Social media. Misinformation. Information Literacy. Elderly.

## 1 INTRODUÇÃO

A proliferação de notícias falsas, as *fakes news*, desperta preocupação da sociedade devido à facilidade e a velocidade de produção e compartilhamento dessas notícias nas mídias sociais. A evolução da *Web* em suas diversas eras, muitas vezes não é acompanhada pela sociedade, que tem que se adaptar neste constante e acelerado desenvolvimento tecnológico.

Os idosos no Brasil conviveram com as transformações de várias plataformas de comunicação: jornal, rádio e televisão; e essas mídias, em geral, apresentavam um modelo de receptor passivo, ou seja, um canal de via única no qual apenas o produtor de informação, no

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Informática na Educação no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, mestrado profissional.

<sup>2</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Sul-RS. Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7796-3209>

<sup>3</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Sul-RS. Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9339-2864>

caso da TV na personificação do apresentador, tem a legitimidade para informar e os telespectadores são apenas receptores.

Com a evolução da *Web*, esse cenário se modifica, pois além de aproximar o comunicador e o receptor gerando uma troca maior entre as duas partes a partir da dinâmica da interatividade em tempo real, também facilita a produção de conteúdo e reduz o poder do monopólio informacional dos veículos de comunicação, uma vez que há liberdade para a sociedade produzir seus próprios conteúdos. Essa autonomia também se traduz em uma facilidade para a proliferação de inverdades e desinformação: opiniões ganham status de notícias e algumas pessoas são premiadas pelo anonimato que as redes sociais possibilitam.

Inseridos nesse contexto, os idosos, segundo Palfrey e Gasser (2011), são considerados migrantes digitais, ou seja, estão tendo que se adaptar para aprender a lidar com estas tecnologias ao mesmo tempo em que elas estão em constante mudança. Busca-se testar a hipótese de que através de oficinas de literacia informacional é possível capacitar idosos para que tenham as competências informacionais necessárias para lidarem com as *fake news* em ambientes virtuais.

## 1.2 Justificativa

A relevância da aplicação desse estudo se dá pelo momento atual que o país atravessa em que há uma polarização de opiniões compartilhadas por meio das redes sociais alcançando um grande número de pessoas. Opiniões essas que, muitas vezes, são travestidas como informações, denotando uma falsa neutralidade e conseguindo ludibriar os leitores mais desatentos. Essas ditas “notícias” ganham a nomenclatura de Notícias Falsas, ou mais usualmente o termo em inglês: *FAKE NEWS*. Portanto, as *Fakes News* são criadas a partir de fatos reais que geram notícias falsas e tendenciosas, a fim de alcançar objetivos dentro e fora da *Web*, como, por exemplo, ganhar uma eleição, arrecadar dinheiro ou arrebatar seguidores religiosos. No meio desse cenário, encontram-se sujeitos que são facilmente ludibriados uma vez que não desenvolveram as competências informacionais para atuar em ambientes virtuais; trata-se dos não nativos da era digital. Grupo este que tem acompanhado a formação e as modificações da *Web* durante seu processo de transformação.

A hipótese de que idosos compartilham mais notícias falsas do que os jovens já foi revelada pelo artigo *Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook* (GUESS; NAGLER; TUCKER. 2019), constatou que idosos (acima de 65 anos) compartilham sete vezes mais notícias falsas que jovens (entre 18 e 29 anos). Embora os pesquisadores não tenham como foco do artigo os idosos, foi possível notar que esse grupo é ativo nas redes sociais. Este fato aumenta a necessidade e a relevância de trabalhos que envolvam o tema.

Outro ponto que estimulou este estudo foi a experiência que o pesquisador vivenciou com seu avô, que aos 80 anos de idade se matriculou em uma aula que ensinava algumas noções básicas de informática. Após as primeiras aulas, de como ligar o computador e usar o *mouse*, a turma foi apresentada aos mecanismos de busca na *Web*, nesse caso o Google. Foi então que ele descobriu uma infinidade de informações, algumas úteis e outras duvidosas. Muitas dessas, que eram *fake news*, ele reconhecia como verdades, pois em seu entendimento “se estava na internet então é verdade”. Aos 80 anos ele era um cidadão ativo na sociedade: dirigia, consumia, votava,

porém se pautava em *fake news* na Internet. Igual a ele existem outras pessoas que se informam todos os dias por fontes não apropriadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de parecer que nunca se viveu sem Internet, ela é recente no Brasil. Apenas em 1996 o Ministério das Comunicações liberou sua exploração comercial e, assim, portais e provedores começaram a atuar no mercado (ARRUDA, 2011). Significando que 62% da população brasileira não nasceu na era da *Web* e teve que aprender a manejar as novas tecnologias ao longo de sua vida (IBGE, 2008). A população idosa, que é composta, portanto, por migrantes digitais, teve que se moldar através da evolução de várias mídias de comunicação: rádio, televisão e agora o computador ou o telefone celular com acesso à Internet. Segundo o Tratado de Geriatria e Gerontologia (FREITAS; PY, 2016, p. 1494), “as mídias sociais oferecem aos idosos a possibilidade de se engajar em relações significativas”, podendo ser uma forma dos idosos melhorarem sua qualidade de vida, serem socialmente reconhecidos e até melhorarem sua capacidade funcional com o uso dessas tecnologias. Porém, ressaltam que:

[...] pelo fato de os idosos de hoje não serem nativos da era digital e da cultura subjacente a este meio, existe a possibilidade de serem relativamente mais vulneráveis aos seus riscos do que os ditos nativos, razão pela qual podem necessitar de alguma supervisão e de instruções sobre formas de evitar tais riscos. (FREITAS; PY, 2016, p. 1495).

Para isso o direito à Internet é assegurado em Lei: o Marco Civil da Internet, Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, que estabelece em seu artigo 7º: “O acesso à Internet é essencial ao exercício da cidadania.” Também é garantido pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, no capítulo V Educação, Esporte e Lazer, artigo 21º no parágrafo primeiro: “Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.”

### 2.1 Fake News

Para Castells (2009, p. 440), a comunicação mediada pela Internet é: “[...] um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social”. Apesar disso, já se vive as benesses e as consequências de se utilizar a comunicação na *Web* no cotidiano. Ainda, Araújo (2016, p. 1) reforça que *Fake News* não é algo novo: “[...] esse não é um problema novo. *Fake News* são tão antigas quantos os próprios meios para comunicação de massa.” O problema atual então se dá devido a facilidade de criação e propagação delas nas redes sociais.

O surgimento da internet proporcionou às pessoas a possibilidade de difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando em grupos. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal, tais como *weblogs*, *fotologs* e o mesmo o *Youtube*. (RECUERO, 2011, p. 116).

Além da facilidade de produção de conteúdo, outro ponto preocupante é a velocidade e alcance de propagação desse tipo de conteúdo. Segundo o artigo: “*The spread of true and false news online*”, publicado na revista americana *Science*, as notícias falsas se propagam mais rápido que as verdadeiras. A pesquisa desenvolvida no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) analisou, durante o período de 2006 à 2017, 126 mil histórias criadas por três milhões de usuários dentro do *Twitter*. Os pesquisadores dividiram essas histórias entre verdadeiras e falsas e perceberam que as falsas ganharam maior número de “*retuites*” que as verdadeiras, sendo que este compartilhamento chegou a ser até 70% maior. “A falsidade difundiu-se significativamente mais, mais depressa, mais profundamente e mais amplamente do que a verdade em todas as categorias de informação” (VOSOUGHI; ROY; ARAL, 2018, tradução nossa).

Palfrey e Gasser (2011) alertam para o aumento das informações falsas e equivocadas devido ao uso das tecnologias, com isso cresce o risco e a multiplicação das informações prejudiciais. Por isso, alguns países já estão adotando medidas para combater a proliferação de *Fake News*. O Conselho da Europa (COE), divulgou em outubro de 2017 o seguinte relatório: *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, que tem como objetivo definir o que é desinformação e criar alternativas para combatê-la. Para isso foram desenvolvidas 34 diretrizes direcionadas às empresas de tecnologia, governos nacionais, organizações de mídia, sociedade civil, Ministérios de Educação e Órgãos de Financiamento, a fim de criar uma estrutura contra a propagação de notícias falsas. O COE destaca algumas recomendações relevantes, conforme indicado no Quadro 1.

**Quadro 1- Medidas para Sociedade Civil**

1. Educação sobre a ameaça das Fake News	2. Agir como checadores de fatos ( <i>Fact-Checking</i> )
Há necessidade de educar as pessoas sobre as técnicas persuasivas utilizadas por aqueles que disseminam informações falsas, bem como a necessidade de educar as pessoas sobre os riscos das <i>fake news</i> , gerando desconfiança em fontes oficiais e dividindo partidos políticos, religiões, etnias e classes.	Grupos sem fins lucrativos e independentes podem atuar como “corretores de honestidade” reunindo diferentes sujeitos, como empresas de tecnologia, redações, institutos de pesquisa e governos, na luta contra a disseminação de notícias falsas.

Fonte: Conselho da Europa (2017, tradução nossa).

**Quadro 2- Medidas para os Ministérios da Educação**

1. Trabalhar internacionalmente para criar um currículo padronizado de alfabetização de notícias	2. Trabalhar junto a bibliotecas	3. Atualizar os currículos dos cursos de jornalismo
<p>O currículo deve ser utilizado para todas as idades a fim de educar para uma avaliação crítica das fontes de informação.</p> <p>As pessoas devem ser capacitadas para avaliar a influência das emoções no pensamento crítico e as implicações de algoritmos e inteligência artificial.</p>	<p>As bibliotecas são uma das poucas instituições em que as pessoas ainda confiam e, para aquelas que não estão mais estudando, ainda é um recurso essencial para ensinar as competências necessárias para navegar no ecossistema digital. Precisamos garantir que as comunidades possam acessar notícias <i>online</i> e <i>offline</i> e materiais de alfabetização digital por meio de suas bibliotecas locais.</p>	<p>Garantir que os cursos de jornalismo ensinem técnicas de monitoramento computacional e verificação forense para encontrar e autenticar o conteúdo que circula nas redes sociais.</p>

**Fonte:** Conselho da Europa (2017, tradução nossa).

Ações como essas são possíveis de se realizar levando em conta as características da sociedade em que se está inserido, pois segundo Vosoughi, Roy e Aral (2018), o cerne do problema se encontra nas pessoas que compartilham a informação, e não somente nos algoritmos ou nos sistemas, ou seja, é necessário educar as pessoas para se comportarem adequadamente em ambientes virtuais.

### *2.1.1 Literacia Informacional histórico-cultural*

Os termos Competência Informacional e Literacia Informacional tem um destaque maior no começo dos anos 2000 no Brasil, sendo atribuídos os primeiros trabalhos a três autoras na área da biblioteconomia (CAREGNATO, 2000; DUDZIAK, 2001/2003; CAMPELLO, 2003/2005). Sendo, segundo Campello (2003), Caregnato (2000) a primeira autora a traduzir o termo *information literacy* para a língua portuguesa como alfabetização informacional, sendo possível também utilizar a palavra literacia. Dudziak (2001, p. 143), ainda adotando o termo em inglês, o define como:

Information Literacy é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à

compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Ao compreender que a literacia informacional é um processo de internalização de conceitos e habilidades para termos uma compreensão informacional do universo e assim colocamos em prática, de maneira funcional o que foi cotejado. Essa concepção se aproxima da teoria histórico-cultural de Vygotsky em que o social está diretamente relacionado ao desenvolvimento de um ser humano. Para Vygotsky, a construção do arcabouço intelectual do homem se dá através de experiências ligadas ao social e suas interações históricas, ou seja, o meio influencia. Com uma sociedade pautada por ferramentas digitais de interação pessoal é possível ver uma aproximação entre a teoria histórico-cultural e a literacia informacional, até mesmo como se fossem complementares.

Outro ponto relevante desta análise contemporânea utilizando-se Vygotsky é avaliar o papel do mediador, que antes era personificado na figura de um professor e atualmente, com as redes sociais, ele ganhou novas formas como a inteligência artificial (IA). Para Kenski (2012, p. 51): “Não há necessidade de treinamento ou formação específica para acessar e manipular a informação, ao contrário, na internet se dá a ruptura com as fontes estabelecidas do poder intelectual e se abre o acesso e a manipulação da informação [...]”. O autor se refere a não necessidade de uma instrução formal para utilização da *Web*. Os reflexos dessa não formalidade podem ser vistos fora do espaço virtual e a proliferação de desinformação é um deles.

### 3 METODOLOGIA

Como refletem Silva e Menezes (2005), a metodologia funciona como um guia ou um mapa que servirá de base para todo o desenrolar do trabalho. As autoras (SILVA; MENEZES, 2005, p.9) também ressaltam que o “[...] processo não é totalmente controlável ou previsível [...]”, escolher um método é o mesmo que escolher uma direção a seguir, e algumas vezes, a fim de atingir os objetivos propostos outros rumos terão de ser tomados.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi definido que esta será de natureza aplicada pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 35): “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Ainda, o método utilizado será o estudo de caso devido à natureza básica e o objetivo exploratório dele e, também, por se tratar de um procedimento técnico que aborda vários fatores relevantes para execução do trabalho: como a busca para se retratar a realidade e os pontos de vista que estão inseridos dentro um cenário social, além disso sua abordagem visa a uma linguagem mais acessível em relação a outros estudos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Denzin e Lincoln (2006, p.23) ressaltam a função social e a proximidade do estudo e do pesquisador e também enfatizam que: “Aqueles que propõem esses estudos alegam que seu trabalho é feito a partir de um esquema livre de valores”. Conforme o problema estipulado, optou-se por uma pesquisa qualitativa para atender à proposta. Com relação ao estudo qualitativo, Diehl e Tatim (2004) o descrevem como uma abordagem que consegue retratar, compreender e identificar dificuldades e situações em uma sociedade e assim promover uma mudança.

A hipótese do estudo parte do seguinte problema levantado: Os idosos, enquanto migrantes digitais, podem adquirir as competências informacionais necessárias para lidar com o fenômeno das *Fake News* em Ambientes virtuais?

Com base nesse problema, o referencial buscou textos que auxiliem em um suporte teórico no desenvolvimento da pesquisa, contextualizando o fenômeno das *Fake News*, a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a literacia informacional, como também os idosos em ambientes digitais e medidas governamentais para inserção dessa população nessas novas ferramentas. Com base teórica voltada para educação, o referencial teórico está alicerçado em Lev Semnovich Vigotsky (1896-1934), principalmente com relação às questões ligadas a mediação e as ZDP e NDR.

### *3.1 Sujeitos da pesquisa*

Através de parceria estabelecida entre o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e o Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul (SESC-RS) será selecionado um grupo de idosos (17 indivíduos), que serão os sujeitos da pesquisa. O SESC por meio do seu programa Maturidade Ativa oferece atividades voltadas para o público da terceira idade. Inicialmente serão selecionadas pessoas que se enquadrem nas características pré-estabelecidas: 60 anos ou mais e que utilizem as redes sociais.

Para seleção dos sujeitos foi realizado um ciclo de palestras para apresentar a oficina aos idosos. O grupo da Maturidade Ativa disponibilizou três turmas, todas da região central de Porto Alegre próxima ao IFRS, considerando facilitar o deslocamento futuro dos idosos para participação na oficina. Ao todo, 82 idosos participaram das palestras, sendo que a atividade ocorreu no horário dos encontros semanais dos grupos, tendo uma hora de duração: entre realização da atividade proposta e uma conversa para esclarecer dúvidas. Ao final, um questionário com quatro perguntas foi distribuído aos presentes e foi utilizado para selecionar os 17 sujeitos que serão convidados a participar da oficina - o número foi delimitado levando em conta possíveis desistências ao longo do processo.

Foram obtidos 78 questionários completos e nessa amostra foi identificada uma média de idade de 73 anos, sendo que 77 participantes eram do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. Duas questões tinham função eliminatória: se gostaria de participar da oficina e se utiliza redes sociais, ou seja, os participantes que responderam não a estas perguntas foram excluídos da seleção final. Sendo assim, dos 78 participantes, 13 afirmaram que não utilizam redes sociais. Para seleção dos 17 sujeitos foi levado em conta as respostas do questionário e não idade, sexo, nível educacional ou financeiro. A utilização de mais de uma rede social e/ou mais de um dispositivo eletrônico foi critério de desempate para seleção final.

#### *3.1.1 Perfil dos Selecionados*

A média de idade dos 17 participantes selecionados foi de 73 anos, sendo a participante mais nova de 60 anos e a mais velha, de 85 anos. Todos utilizam os seguintes dispositivos: computador e celular e dois participantes também utilizam *tablet*. O *Facebook* foi a rede em que todos mantêm uma conta, 15 possuem *Whatsapp* e 7 utilizam *Instagram*. Seis dos sujeitos declararam que se sentem seguros utilizando as redes sociais, enquanto 11 afirmaram que não se sentem seguros.

Após esta seleção, será oferecida uma oficina para os sujeitos selecionados com o objetivo de capacitar o grupo de idosos. Também, servirá para observação dos sujeitos selecionados enquanto eles utilizam as redes sociais e para verificar qual seu comportamento frente às *fake news*, isto é, se eles conseguem ter o senso crítico necessário para identificar que se tratam de notícias falsas e se eles as compartilham. Então, serão avaliadas as fontes de informações utilizadas pelos sujeitos, bem como os mecanismos de buscas usados, com o objetivo de atuar na educação e capacitação dessa parcela vulnerável da população, gerando ao final um curso *Massive Open Online Course* (MOOC) para capacitar mais pessoas e difundir o curso.

### 3.2 *Análise de dados*

A oficina pretende ser um espaço de troca de experiências entre os participantes do curso, assim o debate entre eles proporcionará um ambiente interativo e problematizador em que cada um é visto como único, compartilhando suas opiniões e vivências. Ou seja, o discurso de cada um deles será avaliado e espera-se que ao longo deste processo eles possam contribuir entre si para repensar hábitos, concepções e práticas. O grupo será avaliado a partir da observação dos participantes pelo moderador e através da realização de uma entrevista presencial semi-estruturada com estes.

O pesquisador, a partir de seu conhecimento apropriado da técnica, imerso na temática do estudo, em seus objetivos e sendo conhecedor das características individuais dos participantes da pesquisa conseguirá obter a maior fidedignidade na coleta dos dados. Após a oficina, em que serão coletados os dados através de observação, e as entrevistas individuais, o material obtido passará por uma análise qualitativa a fim de responder aos objetivos do estudo.

## 4 *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Espera-se que com esse trabalho se consiga desenvolver habilidades informacionais que capacitem a população idosa, e que a pesquisa final viabilize a criação de ferramentas que abranjam as diversas esferas da sociedade, para além do grupo estudado. Pois, é de suma importância se ter uma sociedade que não seja induzida por inverdades, que consiga diferenciar o falso do verdadeiro e que tenha essa distinção como forma de garantir seus direitos.

## *REFERÊNCIAS*

ARRUDA, Felipe. 20 anos de internet no Brasil: aonde chegamos? **TECMUNDO**. São Paulo, 4 mar. 2011. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL, IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2008. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 22 abr. 2018.

BRASIL. Decreto-lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Casa Civil**, Brasília, DF, 1 out. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL. Decreto-lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. **Casa Civil**, Brasília, DF, 23 abr. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em: 14 abr. 2018.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n.3, p.28-37, set./dez.2003. \_\_\_\_\_, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspect.Ciênc.Inf.**, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p.178-193. jul./dez. 2005.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.8, p. 47-55, jan./dez. 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 17. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

DE ARAUJO, Marcelo. Manipulação e Fake News. In: MANIPULAÇÃO E FAKE NEWS: UMA NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: Debate no Goethe-Institut, 2016. Disponível em: [goo.gl/pB7cWR](http://goo.gl/pB7cWR). Acesso em: 15 abr. 2018.

DENZIN, Norman; Lincoln, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Information Literacy e o Papel Educacional das Bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php> . Acesso em: 28 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Information literacy e o papel educacional das bibliotecas e do bibliotecário na construção da competência em informação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: < [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_ENDOCOM](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_ENDOCOM)

DUDZIAK.pdf >. Acesso em: 28 abr. 2018.

FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:  
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 27 abr. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUESS, Andrew. NAGLER, Jonathan. TUCKER, Joshua. Less than you think: Prevalence and predictors of fake News dissemination on Facebook. **Science Advances**, Washington, v. 5, n.1, jan. 2019. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau4586>. Acesso em: 28 mar. 2019.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÜDKE, Menga; André, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Tradução Magda Franças Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais: na Internet**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: [goo.gl/SemGFc](http://goo.gl/SemGFc). Acesso em 27. maio. 2018

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, New York, v.359, p.1146-1151, 09 mar. 2018. Disponível em:  
<http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146>. Acesso em: 19 abr. 2018.

WARDLES, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. CONCIL OF EUROPE: FRANCE, 27 set. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report-2017/1680766412>. Acesso em: 15 abr. 2018.

